



A experiência com sementes crioulas do Quilombo Sítio Veiga: um estudo de caso

The experience with Creole seeds from Quilombo Sítio Veiga: a case study

Maria Jardenes Matos¹; Paula Andréia Bezerra Insaurralde²; Maria do Socorro Moura Rufino³

¹ Mestra em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), jardenesmatos@hotmail.com; ² Universidade Federal do Ceará, doutoranda do Programa Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA paulandreiab@gmail.com; ³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Professora Efetiva, marisrufino@unilab.edu.br.

Resumo

A conservação e preservação das sementes crioulas são uma realidade em muitas comunidades rurais e quilombolas, uma maneira de conservar o material genético, social e histórico dessas localidades. A comunidade quilombola Sítio Veiga é formada por famílias que vivem da agricultura de subsistência e mantém viva as suas raízes escravas e cultura dos antepassados. O objetivo é registrar e descrever a interação dos quilombolas com as sementes crioulas e sua importância para a posterioridade do local. Nosso método está pautado no estudo de caso, através de visita de observação e coleta de dados, análise e interpretação do material encontrado. A história de ocupação e resistência dos moradores deste Quilombo e a construção da casa de sementes como forma de resistência à cultura do agronegócio e a uma política que nunca integrou o homem a terra. As informações nos forneceram a dimensão de como as famílias que ainda resistem no campo têm que conviver com dificuldades e a incerteza do amanhã.

Palavras-chave: Sementes; preservação; resistência.

Abstract

The conservation and preservation of Creole seeds is a reality in many rural and quilombola communities, a way to conserve the genetic, social and historical material of these locations. The Sítio Veiga quilombola community is made up of families, who live on subsistence agriculture and keep their slave roots and ancestral culture alive. The objective is to record and describe the interaction of quilombolas with Creole seeds and their importance for the posteriority of the place. Our method is based on the case study, through an observation visit and data collection, analysis and interpretation of the material found. The history of occupation and resistance of the inhabitants of this Quilombo and the construction of the seed house as a form of resistance to the culture of agribusiness and to a policy



that never integrated man to the land. The information provided us with the dimension of how families that still resist in the countryside have to live with difficulties and the uncertainty of tomorrow.

Keywords: Seeds; preservation; resistance.

Introdução

Os africanos, até a terceira década do século XIX, ainda tratados como objeto semovente, ou seja, “negociável” como coisa alheia móvel, foram forçados a cruzar o Atlântico e vir para a América em números superiores aos europeus, com o fim de servir como mão-de-obra aos trabalhos escravagistas.

No Brasil serviram nas grandes lavouras de cana-de-açúcar, nas plantações de cafés e na fase do ouro. Por isso, os povos africanos e seus descendentes desempenharam papel central no desenvolvimento social, econômico e cultural não apenas no Brasil, mas também na (s) América (s) por mais de três séculos.

Ainda hoje, percebe-se o grau de importância de tais influências no cotidiano brasileiro, ou seja, no modo como, brasileiros, nos comportamos, nos alimentamos, nos religamos a Deus etc. Muito embora se tenha convivido e ainda se conviva com a cultura africana, suas contribuições, no tocante às trocas de produtos agrícolas e botânicos, tem recebido pouca atenção (CARNEY, 2001).

Ainda que tenham sido trazidos à força para as Américas, os africanos, de fato, trouxeram consigo algo que talvez ninguém consiga subtrair de outrem: a experiência adquirida no seu meio sócio-histórico-cultural. Destarte, veio até às Américas a cultura do campo, sobremaneira com espécies de plantas adaptadas às condições tropicais e ambientais.

No percurso, durante a passagem pelo Atlântico, nos carregamentos dos navios negreiros, tais plantas serviram também para garantir a sua sobrevivência, assegurar o mínimo de nutrientes alimentares e até mesmo como ervas para tratar de doenças. Ademais, algumas dessas espécies resistiram às viagens e puderam ser cultivadas em pequenas hortas caseiras, principalmente em áreas de mocambos pelos negros “libertos”, como culturas de subsistência, passando a ser chamadas de sementes crioulas.

As sementes crioulas, ou seja, as sementes da biodiversidade, que são aquelas mantidas pelas famílias agricultoras como um patrimônio do seu modo de vida, referem-se a um bem ao mesmo tempo natural e cultural. Paulo Petersen (2007) nos mostra com palavras os muitos significados das sementes para as comunidades.

Como recurso da natureza, possui mensagens genéticas que permitem o ajuste ecológico das espécies cultivadas aos mais variados ecossistemas. Como fruto da



cultura humana, tem suas características genéticas moldadas por processos de escolha consciente realizados pelos próprios agricultores, com base em suas preferências e necessidades específicas. A diversidade dessas sementes expressa, de maneira inequívoca, que elas são o resultado da convergência entre a seleção natural e a seleção cultural. Por essa razão, também poderíamos designá-las como sementes da sociobiodiversidade (PETERSEN, 2007).

No município de Quixadá, Estado do Ceará, na comunidade chamada Quilombo Sítio Veiga, famílias começaram a desenvolver a agricultura em pequenos espaços de terra ocupados pelos quilombos. Por lá, plantaram espécies principalmente para o seu sustento sem gerar excedentes. Essas espécies foram sendo inicialmente selecionadas; em seguida, armazenadas para período seguinte de plantio, o que sempre ocorre no início de cada ano.

As comunidades quilombolas são consideradas populações tradicionais formadas por descendentes de escravos (DIEGUES; VIANA, 2004), há registro dessa população no Quilombo Sítio Veiga. Segundo Guanaes *et al.* (2004), as comunidades residem em locais de difícil acesso e desenvolvem práticas produtivas tradicionais como a agricultura de subsistência. Nesse ambiente, tanto as plantas quanto outros fenômenos e objetos da natureza são considerados sagrados, por isso possuem um papel fundamental na estrutura litúrgica do candomblé. Por conseguinte, formaliza-se desde os banhos de ervas nos rituais de iniciação, o batismo de tambores, a lavagem de contas, a oferenda de alimentos, até os banhos de purificação e os remédios vegetais prescritos pelos sacerdotes (OLIVEIRA, 2011). Dessa forma, na cultura africana as plantas cumprem diversas funções atreladas à vida como fertilidade, religiosidade, fecundidade, medicinal e alimentício.

Ainda nesse ambiente sociocultural, as plantas e a criação de pequenos animais sempre foram atividades desenvolvidas pelas comunidades quilombolas, visto que não precisam de grandes extensões de terra. Além disso, no Sítio Veiga, as plantas possuem certa simbologia, de modo que se manifestam um ritual de cura. Em vista disso, por lá, manejam-se espécies de plantas de valor medicinal para o tratamento de algumas doenças mais comuns.

Malgrado a produção deste trabalho seja destinada a uma comunidade científica específica, explicar-se-á também numa dimensão linguística e contextual o significado da expressão “sementes crioulas”. Essa expressão traduz um sentido que vai além do mero significado etimológico das palavras que a formam. Todavia, é importante que se parta, para uma melhor compreensão, da origem da palavra.

Assim sendo, conforme pesquisa feita no sítio eletrônico “origemdapalavra.com.br”, a palavra crioula é o diminutivo de “cria” e, portanto, oriunda de *create*, (verbo de origem latina), cujos significados são “fazer crescer, criar”. Muitas vezes, segundo o referido *site*, é usado para designar uma pessoa de raça negra; seu sentido original, ainda em uso, é o de “descendente de colonizadores, já nativo de um lugar”.



Em Espanhol, criado tinha o sentido de “afilhado”. Seu diminutivo, *criollo*, começou a ser usado nas Índias Ocidentais para os filhos dos senhores brancos com negras ou nativas. Logo, a palavra crioulo designa um mestiço, e não uma pessoa de raça negra, como muitos pensam.

Em vista disso, a expressão “sementes crioulas” deve ser entendida no contexto desta pesquisa, como sementes tradicionais, que ao longo do tempo foram sendo manejadas por comunidades tradicionais, sem modificações genéticas, armazenadas em um local feito especificamente para guardá-los, a fim de serem utilizados como matrizes para o novo plantio.

No ano de 2009, o agrônomo Valdemar Arl e então Membro-fundador da Rede Ecovida de Agroecologia já compreendia o seguinte:

Sempre que as famílias de agricultores se visitam, uma prática bem presente ainda hoje é a troca de mudas, sementes ou animais reprodutores. Essa prática era uma condição fundamental no melhoramento das espécies ou variedades de plantas e raças de animais. Quando um agricultor ou uma agricultora doa uma semente ou faz uma troca percebe-se um sentimento de realização, felicidade e expectativa em ambas as partes. Essa prática é cultural e faz parte da condição do “ser camponês”.

As sementes crioulas denotam também um sentido que se traduz por expressarem em satisfação, felicidade e realização das pessoas que as utilizam para trocarem entre si, com o fim de se obter bons frutos. Isso se reflete nas relações comerciais, nesta ocasião, na troca de sementes. Contudo, tais práticas estão deixando de existir em muitas comunidades rurais, em razão de uma ideologia imposta pelo modelo industrial agroquímico.

A comunidade Quilombo Sítio Veiga é formada das famílias tronco Ribeiro (conhecida como os Rosenos) e Eugênio (conhecida como Bar). Entretanto, essas duas famílias negras tradicionais se misturaram ao longo do tempo, através de trocas matrimoniais. No Sítio Veiga, práticas como seleção, armazenamento, resgate de sementes crioulas de espécies adaptadas e apreciadas pela comunidade local resultam de um conhecimento ecológico local das populações tradicionais, o que pode estar relacionado diretamente com o manejo e conservação dos recursos naturais. Tais manejos e conservação apresentam-se como instrumentos fundamentais no processo de elaboração de ações concretas no ato de trabalhar-se o ambiente, por elencar informações de origem ecológica, social e cultural.

Assim, o objetivo deste estudo será registrar e descrever a interação da comunidade quilombola do Sítio Veiga com o manejo de sementes crioulas. Para tanto, fizemos esse estudo da seguinte maneira.



Metodologia

O delineamento do estudo de caso em questão adotou como metodologia de investigação três fases relacionadas: delimitação da unidade de estudo do caso; coleta de dados com a comunidade Quilombola; análise e interpretação dos dados coletados e elaboração do relatório.

Segundo André (2005), o estudo de caso realiza-se em três fases: a primeira identificada como exploratória - momento em que o pesquisador entra em contato com a situação a ser investigada para definir o caso, confirmar ou não as questões iniciais, estabelecer os contatos, localizar os sujeitos e definir os procedimentos e instrumentos de coleta de dados; a fase de coleta dos dados e a fase de análise sistemática dos dados, traçadas como linhas gerais para condução desse tipo de pesquisa.

No que concerne à delimitação da unidade de estudo, a oportunidade surgiu em reuniões com representantes das Organizações Não Governamentais (ONGs) que realizam trabalho de extensão rural e assistência técnica na região do Sertão Central do Ceará, e que conhecem o Quilombo Sítio Veiga por já terem desenvolvido trabalho junto à comunidade. Portanto, destacou-se em estudar o Sítio Veiga por suas características socioculturais e afirmação da identidade quilombola.

As técnicas utilizadas para coleta de dados foram entrevista e análise do relatório do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A entrevista foi realizada durante uma visita ao Sítio Veiga, momento esse de identificação das lideranças comunitárias que participam da luta quilombola; em seguida, ocasião em que foi entrevistada uma pessoa transmissora do conhecimento na comunidade, descrevendo-se os momentos de repasse de informações e identificando as principais dificuldades na afirmação da identidade, bem como a importância da oralidade para as famílias do quilombo Sítio Veiga. Ademais, foram identificadas algumas espécies armazenadas na casa de sementes do quilombo, critérios de plantio, seleção, armazenamento e gestão, bem como o registro dos relatos sobre a ligação das sementes com a cultura local. Portanto, a visita foi de cunho exploratório, de modo que se tentou identificar o legado das antigas gerações e sua relação com a prática das sementes.

Por fim, a última fase do trabalho de investigação sugere uma breve análise e interpretação dos dados coletados e a elaboração do relatório, de forma que, posteriormente, será apresentado na comunidade o material escrito.



Resultados e discussões

O quilombo Sítio Veiga

O estudo ocorre na região do Sertão Central, no município de Quixadá, Estado do Ceará, na Comunidade Remanescente de Quilombo Sítio Veiga ao lado da Serra do Estevão, área de ocupação humana desde o início do século XX, por volta de 1906. O Sítio Veiga é uma comunidade tradicional, negra e rural, formada pelos descendentes de duas famílias tradicionais da região da Serra do Estevão. Conforme a lição do Decreto 4.887/2003.

Art.2º- Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

A família Ribeiro originou-se a partir do casal Francisco Ribeiro Bessa (conhecido como Chiquinho ou Pai Chigano) e Maria Fernandes da Silva (conhecida como Mãe Véia). O casal teve 6 filhos e em 1906 migraram de Pau dos Ferros-RN, por conta de um motivo desconhecido para a comunidade, porém acredita-se que seu *Chiquinho* vinha fugindo de algum tipo de perseguição. O casal se estabeleceu no Sítio Sorocaba, atual Sítio Veiga, sabe-se que ao chegar ao Veiga, Chiquinho construiu uma casa de palha de coco catolé (*Attalea humilis*) e Maria já trazia consigo a dança do São Gonçalo.

A segunda família-tronco, que compõe a comunidade quilombola do Sítio Veiga, é a família Eugênio. É originária da própria Serra do Estevão, mais precisamente do Distrito de Dom Maurício, onde nasceu e viveu a matriarca desta família Dona Marta Eugênio de Sousa. Dentre os filhos de Dona Marta Eugênio de Sousa com Ambrósio Anastácio de Sousa, um resolveu casar-se com uma filha de *Chiquinho Ribeiro*, iniciando-se, assim, o conagraçamento e a união entre essas duas famílias negras tradicionais. Trata-se do Sr. Raimundo Eugênio de Sousa, que se casou por volta de 1924 com Maria Luzia Ribeiro, passando a morar no Sítio Sorocaba, atual Sítio Veiga. Muitos descendentes desse casal ainda moram na Comunidade quilombola.

Em acordo com a história local, o principal ancestral dos atuais quilombolas do Sítio Veiga era natural de Pau dos Ferros-RN, sendo descendente de escravos daquela região. Diversos descendentes de Chiquinho Ribeiro permanecem na Comunidade até os dias atuais, mantendo seus costumes e tradições quilombolas, a exemplo da dança de São Gonçalo, folguedo ritual e devocional trazido para a comunidade pelo casal fundador.

Os quilombolas trabalharam durante muito tempo para os proprietários de terras da região do Distrito Dom Maurício, plantando roçados e pagando renda aos mesmos. Algumas vezes,



trabalhavam também na diária, cortando cana, fazendo rapadura no Engenho e farinha na casa de farinha da família Enéas.

A Comunidade Sítio Veiga foi reconhecida como quilombola em 19 de agosto de 2009 e no dia 20 de novembro de 2009 recebeu a Certidão de Autodefinição de descendentes de quilombola. Conforme decreto nº 4.887/2003, em seu artigo 2º, § 1º: a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

De acordo com o levantamento realizado pelo corpo técnico do INCRA (2012), havia na Comunidade Quilombola, em outubro de 2012, 141 moradores quilombolas, distribuídos em 39 famílias quilombolas. Hoje, apenas 08 famílias se autodeclararam não quilombolas.

Atualmente, as famílias reivindicam como território de ocupação tradicional quilombola não somente a área em que as famílias estão residindo (antigo Sítio Sorocaba), mas também outros imóveis vizinhos, onde plantam, extraem madeira para construção de suas casas e praticam a coleta de frutos silvestres para a sua subsistência. Essa reivindicação justifica-se pela questão da preservação da existência e do desenvolvimento desse grupo étnico, uma vez que a faixa de terra que a comunidade tem posse efetiva é insuficiente para a sobrevivência do grupo. A área pleiteada pela Comunidade dos Remanescentes do Quilombo Sítio Veiga mede aproximadamente 967 hectares, conforme planta e memorial descritivo do território quilombola produzido pelo INCRA-CE.

Segundo narrativas dos remanescentes mais antigos e de acordo com os dados dos documentos de terra encontrados, a família Ribeiro foi crescendo e passou a ocupar com atividades produtivas diversas outras áreas no entorno do Sítio Sorocaba, incluindo as seguintes localidades: Fazenda Flores, Macambira, Lapa, Sítio Freitas, Sítio de Dentro ou Colorado, Sítio Pascoal e Sítio Veiga. Hoje, todas essas terras estão sendo pleiteadas junto ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária pela Comunidade do Sítio Veiga como terras de ocupação tradicional quilombola. Conforme assegura o Decreto nº 4.887/2003, em seu artigo 2º, § 2º: “são terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural”.

Os quilombos sempre fizeram uso tradicional das terras onde trabalham, plantando roças com o cultivo de milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar e algodão, cultivo de olerícolas e frutíferas como abóbora, maxixe, melancia, feijão guandu, quiabo, pepino, banana, mamão, melão, laranja, goiaba, manga, ata, graviola, cajarana. Os remanescentes de quilombo desenvolvem desde o início da ocupação das terras uma estratégia produtiva típica de comunidades tradicionais, ou seja, uma economia camponesa voltada basicamente para a subsistência de suas famílias. Essa economia, a princípio, era baseada na agricultura de subsistência, na caça, na pesca e no extrativismo.



A comunidade Sítio Veiga faz tradicionalmente roças de toco ou de coivara, adaptando-se às condições naturais e sociais e na medida em que as famílias vão plantando, elas selecionam as melhores plantas e armazenam suas sementes para o próximo cultivo.

A Casa de sementes do Quilombo Sítio Veiga

A semente é a responsável pela garantia da continuidade da vida vegetal, e conseqüentemente pela grande variedade de espécies existentes no planeta. A semente foi à iniciadora do comércio entre os povos, era o produto a ser trocado, levando assim alguns povos à riqueza e prosperidade, e outros à escravidão. Representa a base da alimentação humana e seus subprodutos são de grande valor para a vida.

Tratar de sementes é destacar o ponto de partida da agricultura. É o mais fácil e o mais econômico meio de multiplicação das espécies. Representa a sobrevivência de famílias, sendo o fruto da colheita de hoje e a promessa da colheita de amanhã. A semente, pois, tem um papel fundamental na vida de agricultores e agricultoras do Sítio Veiga. Conforme afirma Fidelis e Bergamasco (2013), reside na história de cada comunidade remanescente de quilombo pontos que andam na direção da sustentabilidade, afirmando sua importância como detentoras de saberes tradicionais muito próprios.

Nesse contexto, conhecer bem as sementes nunca foi problema para os membros da Comunidade Quilombola, desde cedo as crianças aprendem com as mais experientes práticas como selecioná-las e armazená-las corretamente. Surge, assim, no Sítio Veiga, a proposta de trabalho com Casas de Sementes, que tem por objetivo a independência de um grupo no abastecimento de sementes de determinadas espécies vegetais importantes para a agricultura local. A comunidade iniciou em 2010, com recurso próprio, a casa de sementes, e no ano seguinte, de forma coletiva, implantou um campo de semente com as espécies milho (*Zea mays*), feijão (*Vigna unguiculata*), fava (*Phaseolus lunatus*) e jerimum (*Cucurbita Pepo*). Todavia, a Casa de Sementes não representa apenas um espaço coletivo de guarda de sementes, mas um espaço de vivência e troca de saberes com os membros da Comunidade local, bem como com os demais agricultores e agricultoras de outras localidades.

Para a Comunidade, as sementes estão intimamente ligadas à história de seus antepassados e representam a origem, independência e garantia de um futuro melhor para as famílias que ali residem e dependem totalmente de suas sementes para a sobrevivência. Neste sentido, surgiu no pensamento das famílias à criação e manutenção de uma casa de sementes na Comunidade Quilombola que tivesse como propósitos: a preservação do espírito de organização e compromisso dos moradores da comunidade e associados da Casa de Sementes; a garantia que agricultores e agricultoras vão dispor de sementes de boa qualidade, selecionadas e conhecidas na hora em que começar o inverno e também para os replantios necessários; a preservação e resgate de uma parte importante dos recursos genéticos, que são as riquezas e que devem ser cuidadosamente guardadas para as gerações futuras; e garantia da segurança



alimentar da comunidade, ou seja, o acesso a alimentos de boa qualidade, nas quantidades que o organismo necessita para que possa desempenhar bem suas funções.

A casa de sementes Pai Xingano, nome dado pelas famílias da comunidade Sítio Veiga em homenagem a sua ancestralidade, também recebeu apoio para fortalecimento da casa através do Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido: Manejo da Agrobiodiversidade – Sementes do Semiárido da Articulação do Semiárido Brasileiro - ASA, que tinha como objetivo apoiar o fortalecimento das casas de sementes comunitárias, bem como a articulação delas em rede. As casas de sementes ao se articularem em redes possibilita que guardiões e guardiãs do patrimônio genético alimentar troquem experiências e suas ações alcancem mais força para resistir as constantes ameaças à conservação e uso sustentável da agrobiodiversidade, bem como facilita o acesso às políticas públicas de apoio a agricultura familiar.

Conclusões

Por tudo que foi informado aqui, nosso estudo deseja contribuir com a veiculação das práticas desenvolvidas no quilombo Sítio Veiga. É evidente a fragilidade da organização do núcleo familiar quilombola no Sítio Veiga, pelo agravamento da falta da terra para a garantia de reprodução das famílias. Atualmente, as terras remanescentes do quilombo Sítio Veiga ainda não foram reconhecidas e tituladas pelo Estado. Para CARVALHO (2006), os quilombolas atribuem três sentidos à denominação de quilombo. O primeiro elenca o direito ao território; o segundo diz respeito ao grupo social, o grupo de pessoas que tem direito de viver onde nasceram; e o terceiro seria basicamente um sinônimo de raça negra.

Essa realidade encontrada na localidade social dessas pessoas nos remete a perceber que mesmo com a fragilidade de organização nuclear e familiar, o mais importante é que eles perceberam que a união representa um dos pilares da prática de armazenamento coletivo de sementes por parte das famílias da Comunidade do Sítio Veiga, pois, na concepção deles, o espaço coletivo de armazenamento de sementes não tem dono, mas sim donos que são os membros que formam a Comunidade local. O espaço da casa de sementes tem todo um processo organizativo que garante toda a gestão do espaço coletivo como planejar, organizar, dirigir e controlar as atividades desenvolvidas para que os resultados esperados pelas famílias sejam positivos. Portanto, a divulgação e preservação desse espaço pode trazer outra perspectiva para os habitantes do quilombo Sítio Veiga, sendo nossa intenção de resgatar e trazer para os quilombolas a importância do que eles estão fazendo.



Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. *Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

CARNEY, J. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. *África: Revista do centro de estudos africanos*. USP, SP, 22-23:25-47, 1999/2000/2001.

CARVALHO, M.C.P. *Bairros Negros do Vale do Ribeira: “do escravo” ao “quilombo”*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Tese de Doutorado, SP. 2006, 199p.

DIEGUES, A.C.; VIANA, M.V. *Comunidades tradicionais e manejo dos Recursos naturais da Mata Atlântica*. NUPAUB-USP. São Paulo, 2004.

FIDELIS, L.M; BERGAMASCO, S. M. P. P. Quilombos e Agroecologia: a agricultura tradicional como estratégia de resistência da comunidade quilombola João Surá. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas*, MS, nº 18, ano 10, 2013.

GUANAES, S.; LIMA, S.A. PORTILHO, W.G. *Quilombos e usos sustentáveis*. In: *Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica*. São Paulo, NUPAUB, 2004.

INCRA, *Relatório Técnico de Identificação e Delimitação: Território Quilombola Sítio Veiga*. Quixadá, 2012.

PETERSEN, P. Editorial. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia*. Rio de Janeiro, edição 4, nº4, outubro.2007.

OLIVEIRA, M.F.S.; OLIVEIRA, O.J.R. Influências de origem africana na percepção do corpo e da saúde e sua relação com a natureza. *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*. Salvador: UFBA, 2011.

ARL, Valdemar. Você sabe o que é semente crioula. Disponível em: <<https://www.dodesigns.com.br/voce-sabe-o-que-e-semente-crioula/>>. Acesso em 14 de agosto de 2020.

ORIGEM DA PALAVRA, *Crioulo*. Disponível em:< <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/crioulo/>>. Acesso em 15 de agosto de 2020.

PLANALTO, *Decreto* 4887/2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887>. Acesso em 16 de agosto de 2020.